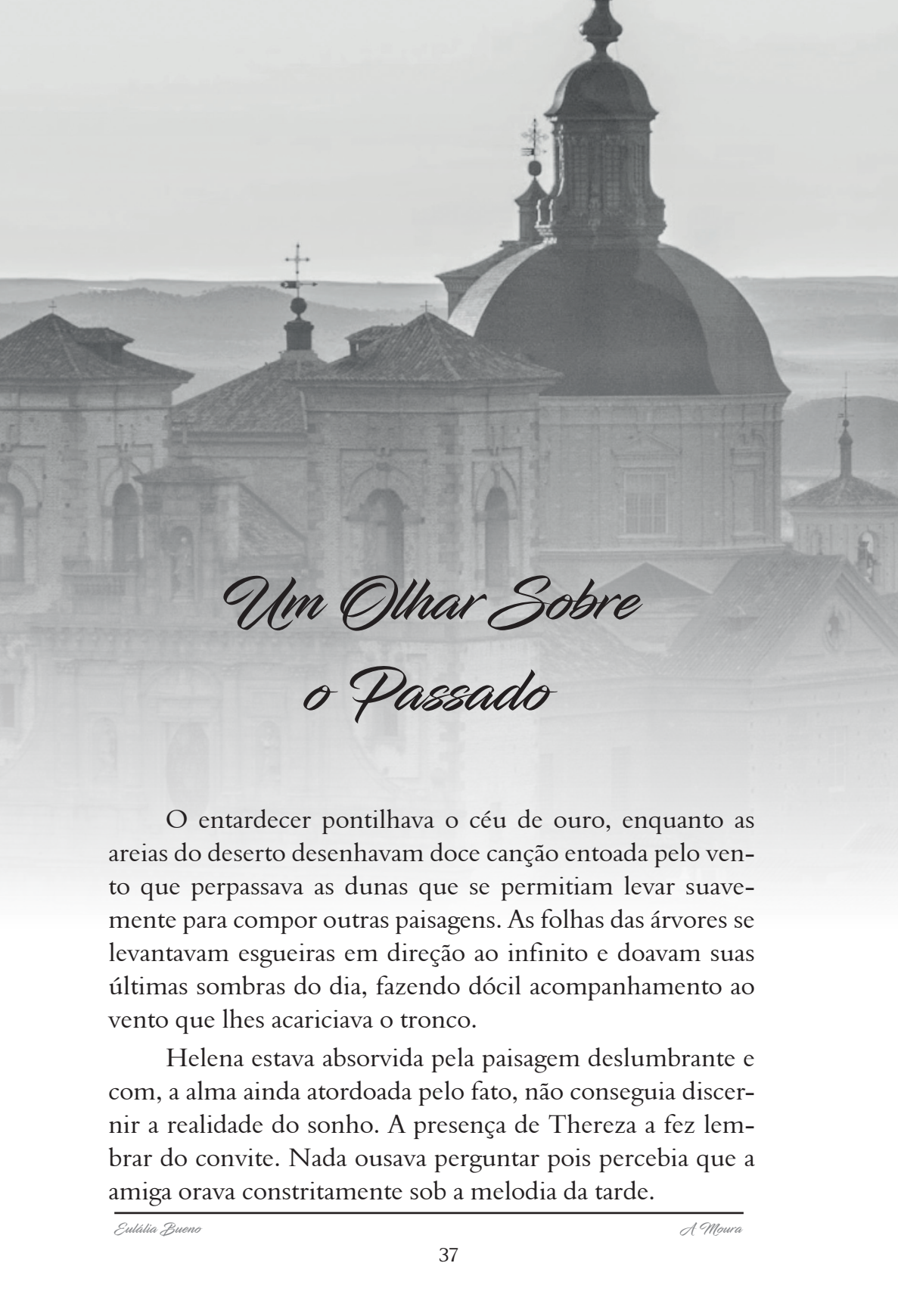




Um Olhar Sobre o Passado

O entardecer pontilhava o céu de ouro, enquanto as areias do deserto desenhavam doce canção entoada pelo vento que perpassava as dunas que se permitiam levar suavemente para compor outras paisagens. As folhas das árvores se levantavam esgueiras em direção ao infinito e doavam suas últimas sombras do dia, fazendo dócil acompanhamento ao vento que lhes acariciava o tronco.

Helena estava absorvida pela paisagem deslumbrante e com, a alma ainda atordoada pelo fato, não conseguia discernir a realidade do sonho. A presença de Thereza a fez lembrar do convite. Nada ousava perguntar pois percebia que a amiga orava constritamente sob a melodia da tarde.

Por alguns momentos, deixou-se ficar mergulhada no silêncio que desnuda a alma ante as benesses da Terra e agradeceu a oportunidade. Sua alma andava necessitada de reflexão e silêncio. Tantos eram os problemas que ultimamente lhe açoitavam o coração. Vivia um período de encapsulamento para compreender e renovar as forças que às vezes se esvaíam diante das tempestades.

As perguntas sucediam as lágrimas que molhavam a face e aliviavam a compressão que lhe ia n'alma. Dias tormentosos se sucediam já há alguns anos.

Os olhos amigos se desviavam e não portavam a mesma doçura e confiança de antes. Os apontamentos impiedosos não ofereciam trégua, exigindo cada vez mais. As tarefas espíritas mais pareciam batalhas travadas no campo do inimigo que portava muito mais soldados para assegurar a vitória.

Voltavam-lhe à mente os dias da juventude, as lutas insanas para vencer obstáculos que surgiam a todo momento interpondo-se entre ela e a Casa Espírita e que enfrentava, apesar da pouca idade, porque estava convicta de que esse inimigo a espreitava há muitas reencarnações e não recuaria com facilidade.

Tantas fases se sucederam na vida, mas em todas elas sempre manteve acesa a fé e o empenho nas tarefas espíritas, pelas quais sabia manter a sua própria sanidade e o equilíbrio da mediunidade. Qualquer bom livro que avalie o tema pede empenho e responsabilidade, mas não era isso que ela via acontecer. Cada dia mais os médiuns querem levar a vida urbana e social para dentro do centro e pouco se preocupam em levar para a convivência diária, o aprendizado da Doutrina. Alguns até mesmo recuam de declarar-se espíritas dependendo do meio em que se encontrem. Dissociam a perso-

nalidade de médium dentro da Casa daquela que mantém lá fora e acham absolutamente natural.

Recordava do excelente livro do Espírito Manoel Philomeno de Miranda, pela psicografia de Divaldo Franco, *PERTURBAÇÕES ESPIRITUAIS*, quando dizia que os tarefeiros da seara espírita, “atormentados pelas paixões servis, transformam os núcleos espíritas, que devem ser dedicados aos estudos, à oração, ao recolhimento dos sofredores, a santuário de comunhão com o Mundo Espiritual superior, em clubes de futilidades, de divertimentos, de comentários desairosos, de convívio para o prazer e de lancharias comuns...”

E continuava:

“Derrapa-se em relacionamentos de ocasião, que terminam em rupturas abruptas, com mágoas e afastamentos das atividades, olvidados do altíssimo significado da responsabilidade abraçada e dos compromissos firmados antes do berço. Calcetas e alucinados promovem contendias e produzem justas ferozes, transformando as Instituições em campos de batalhas destrutivas sem dar-se conta do prejuízo moral e doutrinário que ocasionam.”

Refletia dolorosamente sobre essas questões já havia algum tempo, devido à sequência de desentendimentos que surgiam dentro da própria casa em que se encontrava a serviço da Doutrina e de Jesus. Os amigos que outrora a incensaram eram os mesmos que lhe apontavam os dedos acusando-a de abandonar a casa porque se envolvera em compromissos com o Movimento Espírita exatamente porque julgava a equipe uníssona e preparada para seguir adiante. A Casa, que antes era o seu porto seguro, mais parecia um frágil barco em meio a feroz tempestade.

A amizade sincera, a afetividade ímpar que sempre foi marca registrada de seus trabalhadores, agora criava um am-

biente de insegurança e desconfiança rondando a todos. Muitos haviam se afastado e partido em outras direções e todas as culpas eram impiedosamente depositadas em seus ombros. O pranto caía abundante ao tempo em que a alma constricta suplicava auxílio à espiritualidade. Cortando os ares, a voz mansa de Thereza se fez ouvir:

- Acalme o seu coração, minha irmã, tudo vai passar e nada acontece sem que haja um grande planejamento.

- Não posso compreender que haja um planejamento capaz de criar tanta atribulação e separações.

- Atribulação e separações foram os caminhos que vocês escolheram para seguir o planejamento do bem.

- Como assim? Você também fala por parábolas? – afirmou Helena.

- Reflita um pouco sobre o assunto. Tantos cooperadores numa mesma casa com tantas oportunidades de tarefas novas insistiram em continuar adeptos do menor esforço; mesmo diante de preciosos estudos, não conseguiram alargar as fronteiras do próprio olhar. Foram caindo na mesmice, na ociosidade. Não correspondiam mais à confiança que a espiritualidade depositava sobre o grupo e a maledicência passou a tomar conta de suas mentes estagnadas, criando fulcros pestilentos e corrosivos do pensamento. A observação alheia passou a dominar-lhes as intenções e, obviamente, pairava sobre os que continuavam servindo, os quais recebiam mais trabalho e geravam maior ciúme.

- Não consigo aceitar isso!

- Mas é a realidade! A caridade sempre começa em casa, mas eles precisavam de novidades. A caridade em casa é silenciosa e, na maioria das vezes, anônima; exige a dedicação das horas no bordado do tempo e se desenha ao longo dos anos de renúncia e entrega. É a caridade moral. Não se pre-

pararam para ela e valorizaram a caridade material que faz alarde, realça e satisfaz. Tinham aprendido suficiente para executar as duas, promovendo a criatura humana, que antes de ser apenas o carente que busca a casa espírita é o espírito imortal avançando sobre uma etapa complicada.

E Thereza continuou:

- Não tiveram paciência para perseverar e logo foram avaliando os resultados escassos. Nunca poderiam se acusar, então acusaram para se defender. Imagino se Deus julgasse as criaturas pela sua atuação em apenas uma reencarnação. O trabalho ficou aguardando mãos operosas e mentes cristãs que enxergassem um irmão nas vestimentas pobres, alguém com as mesmas capacidades em oportunidades diferentes.

- Helena, você está aqui hoje e irá acompanhar por algum tempo a história que vai conhecer, para amainar seu coração e compreender que as tessituras da alma são elaboradas em muitas reencarnações, já foram remendadas muitas vezes, trazem feridas que ainda sangram e impedem a concretização dos bons sentimentos até que as almas compreendam que, embora participem dos mesmos enredos, não precisam ficar aprisionadas a fatos para não desperdiçarem as chances de renovação.

Helena chorava silenciosa. E Thereza persistiu:

- Deixamos muitas marcas para trás que não podem ser apagadas tão depressa. Sabias, desde o início, que a tarefa ia ser muito difícil e desafiadora e mesmo assim aceitaste. A mediunidade com Jesus é um caminho solitário porque exige o afastamento dos convívios inebriantes, que agradam a todos. Há muitos que se contentam com o exercício acanhado dos dons mediúnicos, exteriorizando o que cultivam nas trocas medíocres do seu dia a dia, sem cogitar o abandono de hábitos insalubres para poder estabelecer uma sintonia sau-

dável e duradoura com os Espíritos benfazejos. Insistem em ignorar que qualquer Espírito pode facilmente ludibriá-los, fazendo-se passar por mentores com mensagens que lhes falam ao orgulho e à vaidade, “um número expressivo de lobos disfarçados de ovelhas, com vozes mansas e veneno nas palavras, que aparentam humildade forçada.” (Perturbações Espirituais – capítulo 1)

- A ordem e o empenho do bem é que intensifiquemos o intercâmbio para podermos levar esclarecimentos e consolo aos que se mantêm fiéis à obra do Cristo e se encontram mergulhados em atrozes dificuldades. Isso é o que tentamos realizar agora junto de ti – completou Thereza.

Helena, apesar do pranto, sentia seu coração revigorado pela doçura e empenho da amiga de tantos séculos. Nesse momento, Thereza apontou para o horizonte, chamando a atenção da companheira de jornada. Uma enorme nuvem de areia se levantava assustadora, envolvendo centenas de cavalos a galope no terreno acidentado do deserto. Os gritos eram ensurdecadores, mas denunciavam uma comemoração pela vitória em sangrenta batalha.

Do meio do oásis, passando pelas duas amigas, as mulheres visivelmente aflitas, a verificarem se os seus homens haviam retornado, por sua vez, também faziam barulho ensurdecador, aguardando a pilhagem que costumava ser preciosa.

- Estamos no ano 710 da Era Cristã, em solo de África, no prenúncio da invasão dos Mouros à Península Ibérica. Esse é um povo berbere, sob o comando de Harib, sangrento general que supostamente foi um escravo liberto. Hábil em estratégia militar, vive envolvido em terríveis batalhas. Ao seu lado segue o homem de sua confiança que vamos conhecer como Rodrigo e é o personagem central da história que irá acompanhar.

Helena estava atordoada e pensava viver aquele momento, mas Thereza lhe explicou que apenas mergulhavam na ambiência daquele tempo para poderem tomar conhecimento, com riqueza de detalhes, sobre os acontecimentos e personagens da época, a fim de desenvolver um rico estudo sobre as conquistas evolutivas do Espírito imortal, o que se tornaria mecanismo imprescindível para o aprendizado de Helena.

- Mas como podemos mergulhar nessa história tanto tempo depois? – Pergunta Helena.

- Porque tudo que fazemos impressiona o campo fluídico onde os fatos se desenrolam e ali permanecem por muitos séculos, mas não podem ser acessados aleatoriamente, senão com finalidades instrutivas e autorização de Espíritos maiores. Vamos aproveitar a oportunidade retirando dela o melhor proveito para nosso crescimento espiritual. Sairemos muito mais gratas pelas vidas que já tivemos.

Rodrigo, ainda jovem, denotava nos traços a rudeza dos soldados que anseiam pelo poder e isso impressionou muito Helena.

- Ele é muito jovem, mas sinto que não tem medo de matar e nem de morrer.

- Sim, ele é muito ganancioso e anseia transformar-se num grande general. É de família rica, negociantes de preciosidades, mas isso não lhe basta. Porém, sua vida vai sofrer mudanças drásticas que fogem aos seus planos do momento. Vamos observar com atenção.

Rodrigo acompanha Harib como uma verdadeira sombra, aspirando a ser tão grande quanto ele ou ainda maior em suas conquistas. Assim que o general chega à beira de uma deslumbrante tenda, despede o companheiro de jornada, ofertando-lhe uma escrava como prêmio por sua postura he-

roica. Qualquer mulher iria desejar ser a preferida do jovem, renunciando estar ao lado de um homem poderoso.

Era costume da época, porque se dedicavam à religião muçulmana, um homem ter até quatro esposas, desde que as tratasse de igual maneira, ofertando bens sem distinção a cada uma. Harib tinha quatro esposas amáveis e fiéis para com ele e sutilmente incentivava Rodrigo a seguir o mesmo caminho, porém ele afirmava que mulheres só iriam atrapalhar seus planos futuros.